

PRODUÇÃO DE ONSETS COMPLEXOS EM DADOS DE ESCRITA POR ALUNOS MOÇAMBICANOS

DIEGO DOMINGOS GOULART¹; ANA RUTH MORESCO MIRANDA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – diego_goulart_022@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas - anaruthmmiranda@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho proposto trata-se de um recorte da pesquisa de dissertação, intitulada “A grafia de *Onset* Complexo no Ciclo de Alfabetização: um estudo comparativo entre os dados de escrita brasileiros, portugueses e moçambicanos”, a qual encontra-se em desenvolvimento e cujo objetivo é analisar e descrever as estruturas de sílabas complexas das variantes brasileiras, portuguesas e moçambicanas do português, a partir de dados de escrita infantil pertencentes ao BATALE¹ (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita).

Para que se compreenda, *onset* complexo (ou ataque ramificado ou encontro consonantal) é a denominação para a estrutura silábica complexa, em especial, a CCV. De acordo com BISOL (1999), é constituída por duas consoantes, a saber, (C₁), composta por uma fricativa labiodental ou uma oclusiva, e (C₂), sempre por soantes líquidas /l/ e /r/, como em ‘*gbo*’ e ‘*criança*’, por exemplo.

Para este estudo, buscam-se analisar e descrever as estratégias utilizadas pelas crianças ao registrarem, na escrita, os *Onsets* Complexos, por exemplo: apagamento de C₁, apagamento de C₂, metátese, epêntese, substituição de líquida, bem como verificar, por meio dos erros, a distribuição dos tipos de onset complexo como maior frequência lexical, tendo em vista que diversos estudos, especificamente os de VICENTE (2018), MIRANDA (2019), PACHALSKY (2020), demonstraram que nos erros, tanto na escrita quanto na fala, a criança tende a empregar estratégias de reparo semelhantes. Os autores também concordam com a posição de que os erros cometidos pelos aprendizes não derivam de complexidade ortográfica, mas fonológica.

2. METODOLOGIA

Os textos dos quais foram extraídos os dados para este estudo foram produzidos por alunos de 2º a 3º anos do Ensino Básico, de uma escola pública, de Maputo/Moçambique. São escritas que constituem o estrato 9 do BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita) vinculado ao GEALE/FaE/UFPEL e foram coletados em 2019. Desse estrato, das 271 produções textuais, de 1º a 7º anos encontradas, foram analisadas as que atenderam a dois critérios - pertencer ao Ciclo de Alfabetização (por ser *corpus* da

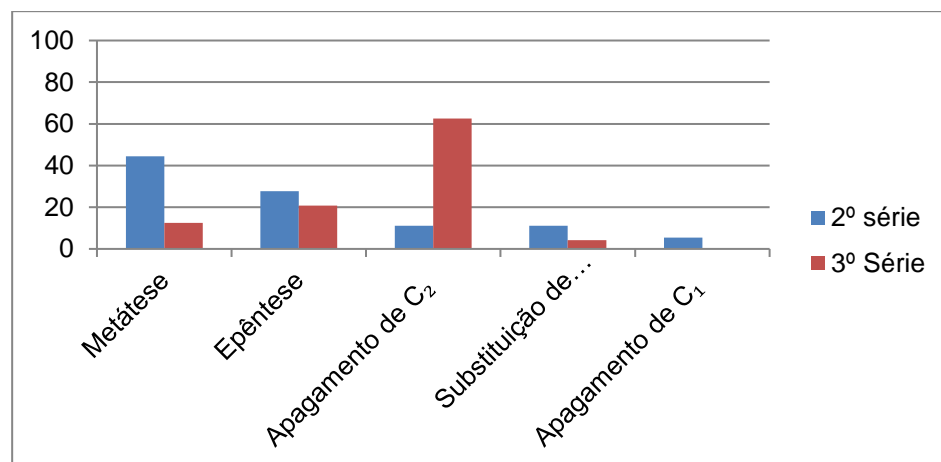
¹ O BATALE (Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita) foi criado em 2001 e possui, atualmente, 7423 textos espontâneos, os quais estão distribuídos em 9 estratos, conforme dados informados na página do GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita). Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/geale/?page_id=1210.

pesquisa de dissertação) e conter palavras com *onset* complexo. Assim, como os discentes da 1ª série não produziram palavras com *onset* complexo, a amostra centrou-se nas escritas infantis 2ª e 3ª séries. Nas turmas de 2ª série, foram encontradas 149 palavras com *onset* complexo; na turma de 3ª série, encontraram-se 348 palavras com *onset* complexos. As palavras foram dispostas em uma planilha se paradas por: erro e acerto; ano escolar, tipo de encontro e estratégia utilizada

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A computação de erros e acertos mostrou que 89% das grafias produzidas pelas crianças do segundo ano estão de acordo com a norma e apenas 11% correspondem a erros. Já no terceiro ano, o índice de acertos é de 93% e 7% é o de erros. O Gráfico 1 apresentado a seguir mostra a distribuição do tipo de estratégia utilizada pelas crianças para registrarem o *onset* complexo em suas escritas.

Gráfico 1 – Tipos de Estratégias Empregadas por Turma



Fonte: Dados de Pesquisa - BATALE – Estrato 9

Conforme se observa no gráfico (1), na segunda série, a ordem de incidência das estratégias empregadas é (i) metátese (com 44,4%), (ii) epêntese (com 27,7%), (iii) substituição de líquida (com 11,1%) e (iv) apagamento de C₁ (com 5,5%); enquanto, na terceira série, a predominância está no apagamento de C₂ (com 62,5%). Essas estratégias empregadas por crianças moçambicanas também se assemelham àquelas encontradas nos estudos de VICENTE (2018), MIRANDA (2019) e PACHALSKI (2020). Tem-se como justificativa que, na segunda série, no decorrer do processo evolutivo da escrita, os discentes tendem a diminuir os obstáculos existentes do próprio sistema de escrita e, por essa razão, se utilizam de seus conhecimentos prévios para tentar suprir as sílabas complexas, logo se utilizam das estratégias para resolver essas situações-problema. MIRANDA (2019) e PACHALSKI (2020) defendem que esses tipos de erro possuem motivação fonológica e, segundo as autoras, erros com essa natureza tendem a aparecer em maior quantidade nos textos de escrita inicial. Em relação à terceira série, o apagamento de C₂, a tendência é transformar uma

sílabas complexas em simples (CCV>>CV). Segundo VICENTE (2018), assemelhando os dados de escrita das variedades do português (PB e MO) que perpassam pelos conflitos das sílabas complexas, ancora-se em ABAURRE (2001) e MIRANDA & MATZENAUER (2010) ao considerar que “tal como acontece na aquisição da linguagem oral também na aprendizagem da escrita alfabética, as crianças parecem dominar rapidamente a grafia de sílabas (C)V mas a grafia de sílabas complexas é problemática.” (VICENTE, 2018, p. 60).

Em relação à distribuição por tipo de onset complexo, tem-se o resultado conforme a Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição por tipo Onset complexo – BATALE – estrato 9

2ª série			3ª série		
Tipo de Onset complexo	Erros	Percentual de erros	Tipo de Onset complexo	Erros	Percentual de erros
/fl/	4	25%	/fl/	6	25%
/pr/	4	25%	/tr/	6	25%
/tr/	4	25%	/pr/	4	17%
/gr/	3	18,7%	/gr/	3	13%
/br/	1	6,3%	/br/	2	8%
/fr/	0	0%	/fr/	2	8%
/dr/	0	0%	/dr/	1	4%
Total	16	100%	Total	24	100%

Fonte: Dados de Pesquisa – BATALE – Estrato 9

Os três tipos de encontros mais frequentes (<fl>, <pr>, <tr>) na língua foram também aqueles em que se observou uma maior incidência de erros. No léxico do português, as sequências – fl > tr > pr > gr > br > fr > dr – estão, de acordo com ALBANO (2001), em ordem de frequência. Mesma ordem observada em FONTES-MARTINS e OLIVEIRA-GUIMARAES (2010) e MIRANDA (2019), para o léxico das crianças em suas produções escritas. Há uma preponderância de palavras com onsets que têm como segunda consoante o <r>. Com <l> apenas as palavras “flor/flores” e “floresta”, chama atenção, no entanto, o fato de serem os itens lexicais com maior diversidade em termos das estratégias observadas: epêntese, <filor>; metátese <froleta>; apagamento de C₂, <fores> e <foreta>; epêntese e substituição de C₂, <forore>. As metáteses encontradas estiveram restritas aos onsets <pr> e <tr>, sendo o primeiro o mais alterado em diferentes itens lexicais, como em <seper> para “sempre”. <pirmera> para “primeira”; <porcorar> para “procurar”, por exemplo.

4. CONCLUSÕES

Em linhas gerais, este estudo exploratório mostrou que as estratégias utilizadas pelas crianças se assemelham às aquelas observadas em estudos sobre a escrita como os de VICENTE (2018), para o português moçambicano, e os de

MIRANDA (2019) e PACHALSKI (2020), para o português brasileiro. Nos dados foram observadas as seguintes estratégias: (i) apagamento de C1, (ii) apagamento de C2, (iii) metátese, (iv) epêntese, (v) substituição de líquida. O índice geral de erros é também condizente com resultados já obtidos por outros estudos sobre o tema, em torno de 10%. Este fato corrobora a ideia que vem sendo defendida por estudiosos da aquisição da escrita, como os do GEALE, segundo os quais a escrita alfabética inicial é material potente para revelar aspectos do conhecimento linguístico das crianças, especialmente aqueles relativos à fonologia da língua. Ainda que não se possa perder de vista o fato de as crianças, ao estarem alfabetizadas, terem já construída, via de regra, a representação relativa aos onsets complexos, pode-se argumentar que ao escreverem buscam o acesso a esta informação adquirida de maneira espontânea e ao fazerem isso precisam reconstruí-la. Nesse movimento surgem os erros do tipo analisado neste estudo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, E. **Os gestos e suas bordas** – esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

BISOL, Leda(Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3ª Ed. Porto Alegre. Edipucrs. 2001.

FONTES-MARTINS, R.; OLIVEIRA-GUIMARÃES, D. **Efeitos de frequência na produção escrita de encontros consonantais**. Revista de Estudos Linguísticos, v.39, n.2, 18-35, 2010.

MIRANDA, Ana Ruth M. **A grafia de estruturas silábicas complexas na escrita de crianças das séries iniciais**. In: Sheila Z. de Pinho (Org.) Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação. São Paulo: Unesp, 2009, p.409-426.

Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/A-grafia-de-estruturas-sil%C3%A1bicas-complexas-na-escrita-de-crian%C3%A7as-das-s%C3%A9ries-iniciais.pdf>

PACHALSKI, Lissa. **A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita: relações entre fonologia e ortografia**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020.

VICENTE, Francisco L. **Impacto da complexidade silábica no desenvolvimento fonológico e na aprendizagem da ortografia em Português Língua Segunda no 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico Moçambicano**. Tese de Doutorado – Fundação Calouste Gulbenkian, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa/Portugal. Lisboa, 2018.